

Dossiê: INCLUSÃO SOCIAL E POLÍTICAS SOCIAIS
PARA MINORIAS: O PAPEL DAS PESQUISAS
NA ÁREA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN: 1981-4755
Vol. 13 nº 24
1º Sem. 2012
p. 89 - 116

**INVESTIGAÇÕES
GEOSOCIOLINGUÍSTICAS:
CONSIDERAÇÕES PARA
UMA DESCRIÇÃO DOS
FENÔMENOS DA
VARIÇÃO**

GEO-SOCIOLINGUISTIC
INVESTIGATIONS:
CONSIDERATIONS FOR A
DESCRIPTION OF VARIATION
PHENOMENA

Sanimar Busse¹

¹ Docente do Colegiado de Letras Português/Espanhol/Inglês/Italiano e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Bolsista PIBID/CAPES.

RESUMO: Apresentamos neste trabalho algumas discussões sobre os princípios teóricos e metodológicos dos estudos da variação linguística. As reflexões tomam o contexto sócio-histórico como elemento que condiciona a realização da fala no tempo e no espaço. A língua, mais especificamente a sua realização na fala, é tomada como pertencendo à ordem do social, ou seja, como elemento que reporta ao modo de viver das pessoas, dos grupos e das sociedades, que, por meio de redes sociais e de seus entrelaçamentos retratam o dinâmico e complexo jogo das relações sociais. Registrada na sua realização mais viva, a fala é o eixo ao qual se unem e estabelecem diversas conexões, diferentes instâncias da sociedade. Essa dinâmica relação entre língua e sociedade, segundo os estudos sociolinguísticos e dialetológicos, fornece os elementos para a avaliação dos fenômenos que se manifestam na fala. O percurso teórico e metodológico traçado neste trabalho não esgota os princípios que sustentam os estudos variacionistas, mas reúne algumas reflexões sobre as condições pelas quais a descrição da língua pode fornecer elementos para uma avaliação sobre o comportamento dos falantes diante da história e da cultura da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística; princípios teóricos e metodológicos; Sociolinguística e Dialetologia

ABSTRACT: This paper presents some discussions on the theoretical and methodological principles of the studies on language variation. The reflections take the socio-historical context as an element that affects the performance of speech time and space. Language, more specifically its realization in speech, is taken as belonging to the social order, i.e., as an element that relates to the way of life of individuals, groups and societies, which, through social networks and their entanglements, depict the dynamic and complex set of social relations. Registered in its most alive realization, speech is the axis to which converge multiple connections and different levels of society. This dynamic relationship between language and society, according to the studies of Sociolinguistics and Dialectology, provides the elements for examining the phenomena manifested in speech. The theoretical and methodological approach delineated in this paper does not exhaust the principles that underpin the studies on variation, but it congregates some reflections on the conditions in which the language description can provide elements for a review of the behavior of speakers given the history and culture of the community.

KEY WORDS: language variation; theoretical and methodological principles; Sociolinguistics and Dialectology.

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

O estudo da fala e as análises sobre a variação têm, portanto, como índice condutor a história e a cultura do povo, pois tomada enquanto representação do comportamento do falante, em que os fenômenos linguísticos são moldados à luz das complexas relações sociais, pode-se perceber que a língua em seus traços mais particulares reflete as condições pelas quais os grupos vêm se constituindo.

O princípio de que a língua “é um objeto constituído de heterogeneidade ordenada” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35) impõe esferas de análise em que se possa reconhecer o *locus* das realizações linguísticas.

Segundo Coseriu (1988, p. 17), a língua pode ser concebida como “uma instituição em equilíbrio, não estático mas dinâmico”, tendo como condição de existência as impressões que a realidade nela registra. Para o autor, a função da fala que aciona a dinamicidade e a variabilidade inerente à língua encontra-se “determinada constantemente (e não de uma vez por todas) por sua função, não está feita mas se faz continuamente pela atividade linguística concreta” (COSERIU, 1988, p. 30).

Numa comunidade de fala², a língua constitui-se pela complexa relação entre seus elementos a partir da reconstituição de estágios anteriores (COSERIU, 1988)³ e da

² Segundo Labov (2008, p. 150), “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

³ Coseriu refere-se à língua como ‘reconstituição’ de um estado anterior. Optamos pelo termo ‘fala’ por entendermos que este se aproxima do nosso objeto de pesquisa, que é a variação linguística. E tomamos como fundamento a citação do próprio autor (1988, p. 31), de que é preciso colocar-se “desde o primeiro momento no terreno da fala e tomá-lo como norma de todas as outras manifestações da linguagem (inclusive da língua)”.

combinação de formas do passado com novas formas, condicionadas às dimensões sociais e espaciais. Uma investigação que se propõe a identificar e a descrever as diferenças de uma língua deverá atentar para as suas dimensões externas e internas e considerá-las em sua complexidade, dinamicidade e integração.

Segundo Coseriu (1988, p. 62), na língua real, língua falada, "coincidem o sistemático, o cultural, o social e o histórico". Mas, se entendermos a língua real como atividade que resulta da face criadora, a partir do sistema, que se oferece como possibilidade de uso, e da face reguladora, a partir da norma como equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema, o sistemático, o histórico, o social e o cultural, além de coincidirem, coexistem, pois são o ambiente em que a língua se realiza.

Nas pesquisas sobre variação, além da descrição das variantes de uma língua, é possível identificar os estágios dos fenômenos que se encontram nos processos de mudança, ou seja, nas formas inovadoras implementadas numa comunidade de fala, e que convivem com as já existentes. As formas que se mantêm, e no estado em que se mantêm, são indícios do movimento da língua nas dimensões sociais e espaciais.

A descrição das formas que se mantêm e das formas novas de uma língua, nas fronteiras sociais e espaciais, atualiza em cada estado de fala uma realidade orientada para a relação entre os contextos internos e externos, em que se revelam aspectos da história, da organização social e da cultura da comunidade. Ou seja, a manutenção ou o abandono de uma forma original e a adoção/implementação de uma forma inovadora evocam as bases sobre os quais a língua se constitui, e em cada estrutura dessa base estão inscritos os elementos do contexto interno e externo, bem como a relação que estes mantêm entre si nas diferentes dimensões, naquele momento de realização da fala.

A respeito da fala como atividade que tem a “mutabilidade” como condição própria da existência da língua, destaca-se o fato de que os fenômenos se dão no interior de instâncias criadoras, livres e finalistas (COSERIU, 1988). O falante age com criatividade e liberdade, pois, como ser social, faz uso de formas da tradição linguística da comunidade, mas também acolhe em sua fala outros elementos, obedecendo às condições externas e internas da língua. Assim, não é a língua que se impõe ao falante, como estrutura; ao contrário, ela se oferece como possibilidade de uso diante do conjunto de dimensões que orientam aquela situação comunicativa.

O falante assume um papel como “indivíduo histórico” na realização da fala, pois, a partir da sua ‘liberdade linguística’ e da tradição linguística da comunidade, recria e renova a história da própria língua. Segundo Coseriu (1988, p. 47-48), porém,

todo ato de fala, sendo ao mesmo tempo histórico e livre, tem uma extremidade ancorada em sua necessidade histórica, em sua condição historicamente necessária – que é a língua –, e outra extremidade que aponta para uma finalidade significativa inédita e que, portanto, vai mais além da língua já estabelecida.

Podemos considerar que a fala abarca, portanto, ao mesmo tempo, todas as condições de sua realização, uma vez que se coloca, de um lado, como opção de realização da atividade linguística por parte do falante e, de outro, como elo entre os diferentes momentos da história, da cultura e da organização social da comunidade de fala.

Segundo Labov (1994, p. 34, tradução nossa), a mudança linguística segue o curso orientado pelas condições sociais da comunidade de fala. Os rumos que a inovação tomará e os caminhos que percorrerá dependerão das condições de encaixamento da mudança na comunidade de fala, pois se

de uma parte, qualquer mudança dada se encaixa na matriz estrutural das formas linguísticas que se relacionem mais estritamente com ela, e a mudança se refreará, redirecionará ou acelerará de acordo com a sua relação com as outras formas. Entendido assim, o problema do encaixamento é um aspecto implícito do problema das pressões. De outra parte, uma mudança se encaixa na estrutura da comunidade de fala. Para entender as causas da mudança é necessário saber onde, dentro da estrutura social, se originou a mudança, como se estendeu a outros grupos sociais, e que grupos mostraram mais resistência ante ela. Posto que o encaixamento em uma estrutura maior supõe inevitavelmente causas múltiplas, a solução de qualquer problema de encaixamento requer análises multivariáveis.⁴

O princípio do encaixamento implica o fato de que a mudança não ocorre como um elemento isolado na comunidade, mas resulta do “entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social”, pois a adoção e difusão de formas novas dependem de inúmeras condições (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 17). As novas formas encaixam-se na estrutura de acordo com as condições do sistema e se adaptam a partir da relação entre as demais formas, e da pressão que estas exercem para a adoção e implementação da forma inovadora.

⁴ Por una parte, cualquier cambio dado se incrusta en la matriz estructural de las formas lingüísticas que se relacionen más estrechamente con él, y el cambio se refrenará, redirigirá o acelerará por su relación con otras formas. Entendido así, el problema del incrustamiento es un aspecto implícito del problema de las constricciones. Por otra parte, un cambio se incrusta en la estructura de la comunidad de habla. Para entender las causas del cambio es necesario saber dónde, dentro de la estructura social, se originó el cambio, cómo se extendió a otros grupos sociales, y qué grupos mostraron más resistencia ante él. Puesto que el incrustamiento en una estructura mayor supone inevitablemente causación múltiple, la solución a cualquier problema de incrustamiento requiere análisis multivariable.

A PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA

Tomando como princípio o fato de que a língua não existe fora das dimensões sociais, Coseriu (1988, p. 41) afirma que “o social da língua se dá no falar, assim como tudo aquilo que a língua é”. Nessas condições, a fala se coloca como atividade catalisadora das ações do falante, que age de acordo com o seu lugar no grupo, e do próprio lugar do grupo na sociedade.

Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 1, tradução nossa), a Sociolinguística, enquanto disciplina independente, “estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade linguística, sua interrelação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística”.⁵ Para Labov (1976), é impossível descrever e compreender os estágios e a progressão de uma inovação linguística até a mudança acabada senão pela análise da comunidade, pois nela se dão as relações de força, nela surge e são exercidas as pressões sociais presentemente ativas.

Se nem toda variação corresponde a uma mudança, mas toda mudança linguística implica a existência de formas que se alternam em dada comunidade, está-se lidando com um ambiente altamente complexo quando se trata da descrição do fenômeno da variação na fala. Tanto a mudança acabada quanto a mudança em curso constituem-se a partir dos complexos contextos interno e externo da língua. É necessário percorrer o caminho pelo qual uma forma alcançou determinado *status* no grupo para compreender o que aconteceu com aquelas que ficaram pelo caminho, e também com aquelas que se alternam

⁵ [...] estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad linguística, de su interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio linguístico.

na fala. Um estado de fala corresponde, portanto, ao ambiente em que convivem formas originais e inovadoras da língua, que, como elementos ou peças da engrenagem social, atuam na adoção, manutenção e difusão da forma inovadora, e sofrem pressões quanto a esses aspectos.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 104), há uma estreita relação entre regras e elementos linguísticos concernidos, que é atribuída às regras sociais de um dialeto, em que “um código ou sistema é concebido como um complexo de regras ou categorias interrelacionadas que não podem ser misturadas aleatoriamente com as regras ou categorias de outro código.” O fato de não se misturarem aleatoriamente as formas de realização das variedades de língua não implica, contudo, o fato de que não possam ser alternadas na fala.

Por realizar-se conforme as regras de um dialeto, essa coocorrência estrita segue um caminho traçado no interior da comunidade de fala pela história e pela cultura do grupo, como podemos observar em comunidades bilíngues. Neste contexto, ocorre o fenômeno da covariação sociolinguística, que, segundo Silva-Corvalán (1989, p. 155), “implica maior ou menor frequência de uso de certas variantes linguísticas, é necessária para que se produza a mudança.” É a partir da ‘flutuação incessante’ entre uma forma e outra, um estado e outro da língua, que se dá o triunfo ou a derrota de uma das formas em concorrência.

O percurso da forma vencedora pelas dimensões sociais e linguísticas se torna único no interior do fenômeno de variação. Talvez se tenham algumas pistas que possam ser percorridas por outras formas, mas cada uma tem sua própria história, sua própria trajetória. Uma forma alça a determinado *status* a partir da reunião de uma complexa rede de fatores, tanto sociais quanto linguísticos, no tempo e no espaço. O que se tem até o momento, a partir de pesquisas sobre o fenômeno de variação na língua, é a identificação de grupos que se colocam como mais inovadores e de grupos mais

conservadores, e de estruturas linguísticas que têm apresentado, na evolução da própria língua, uma inclinação para alteração na sua estrutura por economia, acomodação, adaptação ou assimilação.

Coseriu (1988, p. 79) destaca que a inovação pode ter como gênese:

- a) a alteração de um modelo tradicional;
- b) a seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua;
- c) a criação sistemática ('invenção' de formas de acordo com as possibilidades do sistema);
- d) os empréstimos de outra 'língua' (que pode ser total ou parcial e, com respeito ao seu modelo, pode implicar também 'alteração');
- e) a economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).

Para cada uma das condições de ocorrência de uma inovação, há um conjunto de elementos que atuam como forças contrárias, restando, ou como forças favoráveis, impulsionando os fenômenos.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 104-105) identificam os condicionadores como "um complexo de regras ou categorias interrelacionadas", chamando a atenção para a necessidade de uma atitude muito criteriosa na identificação de uma variável linguística. Para os autores,

uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que 'frequentemente', 'ocasionalmente' ou 'às vezes' se aplicam. A evidência quantitativa para a covariação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107).

A variável linguística compreende o conjunto de variantes linguísticas, essas últimas tomadas como formas diversas e alternantes de se expressar uma mesma informação. Para a determinação de uma variável linguística, Labov (2008, p. 26) apresenta duas condições:

primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

Conforme a descrição acima, apresentada por Labov, a variável linguística, representada pelo conjunto de suas variantes, deve comportar/revelar as condições de aparecimento do fenômeno da variação. É ela quem orienta o percurso de uma descrição do fenômeno da variação, quem fornece os elementos para a análise da mudança linguística.

O sistema heterogêneo é visto, portanto, como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras coocorrentes. Dentro de cada um desses subsistemas, podemos encontrar variáveis individuais que covariam, mas que não ocorrem de forma isolada. Cada uma dessas variáveis será definida por funções de variáveis independentes extralingüísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), normalmente se esperaria encontrar uma íntima covariação entre as variáveis linguísticas.

Tomando a heterogeneidade como princípio para a descrição da mudança na língua, Weinreich, Labov e Herzog

(2006, p. 17) propõem um roteiro de problemas aos quais as descrições e análises dos fenômenos da variação devem fornecer respostas:

- a) a questão dos *fatores condicionantes* (mudanças e condicionantes possíveis ou seja, quais são as instâncias ou variáveis sociais que atuam nos contextos de mudança);
- b) a questão da transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua);
- c) a questão do encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social);
- d) a questão da avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua);
- e) a questão da implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua em dada época).

O problema da transição, “trilha pela qual uma mudança linguística está caminhando para se completar” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 90), está relacionado aos fatores condicionantes, de onde surge a inovação, e do encaixamento da inovação nas estruturas linguística e social. A transição não corresponde, assim, a algo passageiro, dado em algum momento, mas pode criar ambientes de convivência e de concorrência das formas.

Parece-nos que o aparecimento e a convivência de formas arcaicas e inovadoras na língua, numa comunidade onde a mudança já tenha se completado, só pode ser explicado pelo problema do encaixamento e da avaliação. A metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional, que une o diatópico ao diastrático, pode identificar os elementos que atuam como inovadores e conservadores, bem como as circunstâncias de uso da língua em que os traços são registrados, por descrever a fala nos eixos horizontal (sua distribuição areal), vertical (sua realização nos diferentes estratos sociais) e relacional (seu registro em diferentes instâncias comunicativas).

Segundo Fasold (1990, p. 223), o papel das classes sociais na difusão e adoção de uma inovação linguística é determinante, pois os fenômenos estão subordinados à “classe de estratificação”. Assim, “se uma variável mostra uma classe de estratificação, determinadas variantes são usadas com mais frequência pelos mais altos da classe, menos pelos mais baixos da classe”. Ou seja, o movimento da língua no interior dos grupos está relacionado aos valores que as variáveis possuem, isto é, ao que representam em termos de prestígio e poder social.

Quanto à mudança linguística e sua relação com a classe social, Labov (1996) apresenta dois tipos básicos: (a) mudança vinda de baixo e (b) mudança vinda de cima. Para o autor:

As mudanças vindas de cima e de baixo se referem simultaneamente a níveis de consciência social e a posições dentro da hierarquia socioeconômica. As mudanças acima são introduzidas pela classe social dominante com plena consciência pública. Normalmente, representam empréstimos de outras comunidades de fala que têm maior prestígio aos olhos da classe dominante. Esses empréstimos não afetam imediatamente os padrões próprios correntes da classe dominante ou de outra classe social, porém aparecem antes de tudo na fala cuidada, refletindo um dialeto superposto aprendido depois do próprio (LABOV, 1994, p. 145, tradução nossa)⁶.

As mudanças vindas de baixo estão abaixo do nível de consciência social, dependem de pressões sociais inferiores. Somente quando se aproximam de sua realização total, os falantes tornam-se conscientes delas. Segundo Labov (1994,

⁶ Los cambios desde arriba los introduce la clase social dominante, frecuentemente con plena consciencia pública. Normalmente, representan prestamos de otras comunidades de habla que tienen mayor prestigio a ojos de la classe dominante. Esos préstamos no afectan inmediatamente los patrones propios corrientes de la classe dominante o de otra classe social, pero aparecen ante todo en habla cuidada, reflejando un dialecto superpuesto aprendido después de que el propio corriente se adquiera.

p. 144-145), “as mudanças vindas de baixo podem ser introduzidas por qualquer classe social, mas não se têm registrado casos em que grupos sociais de maior *status* atuem como um grupo inovador”.

Segundo Fasold (1990), a adoção da inovação ou a mudança linguística entre as classes sociais também está relacionada ao grau de dependência entre elas, aos usos que se faz ou se necessita dos bens de consumo. A escolaridade pode orientar o comportamento do falante para adotar ou resistir às mudanças linguísticas, reconhecendo as formas prestigiadas ou não socialmente.

Na variável faixa etária, encontramos os parâmetros para a identificação dos diferentes estágios da mudança linguística. Considerando-se que o comportamento das pessoas apresenta certa regularidade em diferentes fases da vida, o fenômeno da variação pode ser descrito a partir dos elementos que se manifestam entre jovens e velhos. A idade é um marco na constituição de identidades sociais: jovens e idosos estão envolvidos em diferentes atividades, assumem determinados comportamentos, os quais são refletidos na linguagem.

Silva-Corvalán (1989, p. 75-76) destaca que a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: 1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso.

Na luta travada entre formas linguísticas concorrentes, sobrevive aquela que tiver maior valor social, que estiver circulando entre o maior número de falantes. Conforme Labov (1994, p. 127, tradução nossa),

as formas concorrentes associam-se com valores sociais característicos dos falantes que os usam, e o avanço da mudança se associa com a adoção dos valores de um grupo por membros do

outro. Assim, no começo da mudança, os falantes com a forma mais antiga se veem raramente expostos à forma mais nova, de modo que pouca mudança ou transferência pode ter lugar. A velocidade da mudança será maior quando o contato entre falantes for maior, quer dizer, no ponto médio.⁷

A pesquisa em tempo real considera a possibilidade de o inquiridor retornar à comunidade investigada num período de tempo subsequente, repetindo o mesmo estudo. A pesquisa em tempo real pode dividir-se ainda em estudo de tendência e estudo de painel. No primeiro, trata-se de enumerar a população geral do mesmo modo, extrair a amostra do mesmo modo, obter dados e analisá-los do mesmo modo, em um período de tempo posterior. O segundo, conforme Labov (1994, p. 141, tradução nossa), procura "localizar os mesmos indivíduos que foram os sujeitos do primeiro estudo, e controlar quaisquer mudanças em seu comportamento submetendo-os ao mesmo questionário, entrevista ou experimento."⁸

Trata-se, aqui, de estabelecer orientações metodológicas que permitam acerrar as mudanças linguísticas em curso ou completas, de modo a delimitar seu percurso e identificar os estágios que levam uma inovação a ser incorporada na língua.

Apesar de tradicionalmente apresentarem uma dimensão da fala que corresponde ao falante da área rural, do sexo

⁷ Dos sonidos en competencia se asocian con los valores sociales característicos de los hablantes que los usan, y el avance del cambio se asocia con la adopción de los valores de un grupo por miembros del otro. Así, al comienzo del cambio, los hablantes con la forma más antigua se ven raramente expuestos a la forma más nueva, de modo que poco cambio o transferencia puede tener lugar. La velocidad del cambio será mayor cuando el contacto entre los hablantes sea mayor, es decir, en el punto medio.

⁸ [...] localizar a los mismos individuos que fueron los sujetos del primer estudio, y controla cualesquiera cambios en su comportamiento sometiéndolos al mismo cuestionario, entrevista o experimento.

masculino, de idade avançada e sem escolaridade, nascido na localidade⁹, as pesquisas dialetológicas não deixaram de lado as demais dimensões com entrevistas experimentais, com questões adicionais, informantes auxiliares e assim por diante¹⁰. Há, inclusive, monografias que se dedicam à análise das diferenças provenientes do sexo, da idade ou da profissão do informante.¹¹

O avanço das pesquisas que buscam descrever a fala em centros urbanos levou a uma ampliação dos princípios metodológicos, principalmente com relação à seleção dos informantes. Mouton (1992, p. 675, tradução nossa) destaca que

a decisão de incluir as cidades – não com um único informante como nos pontos rurais – permitiu comparar a fala de gentes de grupos sociais e de sexo distintos em um atlas. Alvar apresentou reflexões teóricas sustentadas nessas experiências onde, constatando as indubitáveis limitações de um atlas para estudar uma cidade, opina que os dados recolhidos servem para ilustrar processos internos da biologia linguística em seu contexto social.¹²

⁹ Nonmobile, older, rural males – NORMs (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 33).

¹⁰ Nos inquiridos para o Atlas Linguístico da França, conforme destacam Chambers e Trudgill (1980), dentre os setecentos informantes, Edmont incluiu sessenta mulheres, cerca de duzentos dos informantes possuíam instrução e o restante eram praticamente sem instrução, e todos eles de pequenas aldeias francesas.

¹¹ Uma discussão breve é apresentada em: MOUTON, Pilar Garcia. El Atlas Linguístico y etnográfico de Andalucía

. Hombres y Mujeres. Campo y Ciudad. In. Actas del Congreso Internacional de Dialectología. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/13687/1/garcia_mouton_pilar_1992b.pdf> Acesso em: 05 jan. 2010.

¹² La decisión de incluir las ciudades – no con un único informante como en los puntos rurales – permitió comparar el habla de gentes de grupos sociales y de sexo distinto en el marco del atlas. Alvar hizo reflexiones teóricas sustentadas en estas experiencias donde, tras señalar las indudables limitaciones de un atlas para estudiar una cidade, opina que los datos recogidos sirven para ilustrar procesos internos de biología linguística en su contexto social.

A complexidade de alguns contextos linguísticos requer uma descrição “transversal” dos fenômenos, uma investigação das formas sobrepostas da fala, que pode estar no jogo de forças entre as variáveis, na história de cada forma e nas crenças que mobilizam as atitudes de falantes na comunidade.

Quanto às explicações sobre as diferenças linguísticas entre falantes de gêneros diferentes, segundo Trudgill (1974), estudos sociolinguísticos demonstram que as mulheres, nas sociedades ocidentais, são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens. Por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais. Para exemplificar, o autor se vale da linguagem da classe trabalhadora, que, assim como outros aspectos culturais, tem conotações associadas à masculinidade. Isto pode ocorrer porque a linguagem da classe trabalhadora é associada a um comportamento mais duro e resistente, tradicionalmente suposto como característica de seu modo de viver – e resistência ou dureza é uma característica masculina.

Dado que há variações linguísticas que envolvem, numa comunidade de fala, uma covariação com a classe social, pode-se reconhecer que há pressões sociais atuando para que os falantes adquiram prestígio ou pareçam corretos no emprego das formas da classe alta. Essas pressões, contudo, podem ser mais fortes sobre as mulheres, em função da sua consciência sobre o *status* social. De outro lado, há também pressões para que se continue usando uma forma de menor prestígio como sinal de identidade e de solidariedade ao grupo social.

A variação linguística de sexo/gênero surge porque a língua, como fenômeno social, está relacionada a atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, e são regidos por diferentes regras sociais. A língua reflete simplesmente um fato social. A linguagem de homens e mulheres não é apenas diferente: a linguagem das mulheres é também (socialmente) ‘melhor’ que a linguagem dos ‘homens’. Isto é um reflexo do

fato de que o comportamento social considerado mais 'correto' é o da mulher.

Quanto menos flexíveis forem as regras sociais entre homens e mulheres, mais rígidas serão as diferenças sociais. Essas diferenças sociais desencadeiam uma espécie de expectativa quanto ao comportamento esperado de homens e mulheres. A explicação poderia estar no fato de que, segundo Trudgill (1974), determinados extratos sociais e algumas variantes podem apresentar algum tipo de 'prestígio'. Labov (1976) chama esse tipo de prestígio de *covert prestige* (prestígio encoberto), quando uma variante passa a identificar grupos que não pertencem à elite dominante. Segundo o autor, essas atitudes são regidas por normas secretas em que,

dado um sistema estável de estratificação sociolinguística, parece razoável propor que estas normas abertas são compensadas por um conjunto de normas secretas, que conferem valor positivo para as formas não-padrão que as pessoas usam na vida cotidiana (LABOV, 2001, p. 196, tradução nossa)¹³.

As variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, a função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Assim, no estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora (PAIVA, 2004).

¹³ Given a stable system of sociolinguistic stratification, it seems reasonable to propose that these overt norms are balanced by a set of covert norms, which give positive value to the nonstandard forms that people use in everyday life.

PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA: MONO E PLURIDIMENSIONAL

A heterogeneidade da língua e a sua interrelação com a sociedade esteve presente nos vários momentos em que a linguística buscou dar um contorno teórico-metodológico ao seu objeto – a linguagem. Embora houvesse o reconhecimento da diversidade da língua numa mesma localidade, nem sempre conseguiu-se dar o devido tratamento ao fenômeno da variação, haja vista o objeto e os objetivos das diferentes correntes do Linguística.

Os estudos dos dialetos estão presentes desde as primeiras incursões pelo universo da linguagem. A percepção da existência de diferentes maneiras para se expressar no interior de uma mesma língua levou estudiosos a desenvolverem diferentes formas para registrar e desvendar o fenômeno da variação.

Superada a crença de que as línguas estivessem circunscritas às fronteiras políticas, partiu-se para a descrição da fala em espaços devidamente definidos e com falantes que pudessem representar a face mais viva da linguagem, ou seja, segundo Alvar (1996), a fala de cada dia e as falas que não tiveram cultivo literário. Tomando o tempo, o espaço e a sociedade como parâmetros, a Dialectologia vem se afirmando na compreensão das manifestações que as línguas e dialetos assumem, descrevendo as diferentes formas de registro.

Ao ver o fenômeno da variação do ponto de vista da sua dinâmica, a Dialectologia, a partir do método geolinguístico, passou a descrever a fala em diferentes pontos de um espaço geográfico e entre falantes que retratassem os estratos da linguagem em face da história e da cultura dos grupos.

Segundo Chambers e Trudgill (1980) a geografia dialetal é uma metodologia ou (mais exatamente) uma série de métodos para a coleta sistemática de diferenças dialetais. No princípio o objeto a ser descrito e analisado pelos estudos dialetológicos

era a variação dos falares “socialmente mais baixos”, isto é, aqueles que pudessem retratar os diferentes estágios linguísticos (conservação, inovação, dispersão), num espaço que retratasse a língua sem as influências da mídia, da tecnologia e da escola.

Ao deter-se na investigação e descrição dos dialetos ou *patois*¹⁴, a Dialetoлогия busca “providenciar uma base empírica para conclusões sobre a variação linguística que ocorre em certo local” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 24), para representar a propagação das inovações linguísticas por uma região, bem como identificar as áreas de conservação. Estes resultados podem ser considerados o ponto central para as investigações sobre os elementos que atuam no quadro que se retrata sobre a língua, tomando o fenômeno da variação distribuído em determinado espaço como pista para a compreensão da dinâmica da língua no interior das comunidades.

Ainda nos primeiros atlas linguísticos, a Dialetoлогия já ensaiava tentativas em dar um tratamento às variáveis que se revelam como condicionadoras da fala, no interior das relações dinâmicas da sociedade. Se, por um lado, a Dialetoлогия preocupa-se em identificar as áreas de conservação, inovação e irradiação das variantes linguísticas, por outro, reconhece a necessidade de inserir as variáveis sociais como parâmetros para a análise da variação.

A geografia dialetal teve origem com o estudo sobre os dialetos falados no território alemão desenvolvido por Georg Wenker (1876) - “Sprachatlas des Deutschen Reichs”. O autor enviou 50.000 questionários a moradores de diferentes áreas, com 40 sentenças, buscando captar as variantes regionais. Jules Gilliéron (1903) elaborou o “Atlas Linguistique de la

¹⁴ “Variedade de uma língua, usada, numa área reduzida, por uma determinada comunidade, geralmente rural”. (BRANDÃO, 2005, p. 81)

France-ALF”, e para tal, contou com o auxílio de Edmond Edmont, que percorreu 639 pontos entrevistando 700 informantes, com um questionário de 1920 questões. Os discípulos de Gilliéron, Karl Jaberg e Jakob Jud (1931/1940) publicaram “Sprach und Sachatlas des Italiens und der Südschweiz”, investigando a fala no centro-norte da Itália, no sul da Suíça, na Itália meridional e Sicília e na Sardenha. Pesquisaram o material vocabular relacionado à cultura das regiões estudadas¹⁵.

No Brasil, Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi são considerados os pioneiros dos estudos dialetais. Em 1920, Amaral publicou O Dialeto Caipira, como “primeira tentativa de descrever um falar regional” (BRANDÃO, 2005, P. 43). Nascentes, em 1958 e 1961, publicou os volumes das Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil as áreas dialetais do país, em que discute a importância de um trabalho que apresentasse a língua falada em todo território brasileiro, apresentando um instrumento para a coleta de dados e a rede de pontos distribuídos pelos diferentes estados e territórios. Silva Neto (1957) publicou o Guia para estudos dialetológicos e Rossi, em 1963, o Atlas prévio dos falares baianos/APFB, primeiro Atlas do Brasil. (ARAGÃO, 2005, p. 107/108). Todos devem ser tomados como referência para os estudos dialetais, pois as proposições e reflexões são fruto de um detido e rigoroso levantamento da fala no território brasileiro e resultado da preocupação premente em descrever a língua, haja vista os processos históricos de formação do Brasil.

Em sua história, a Dialectologia tem passado por fases de elaboração de atlas linguísticos regionais, nacionais, continentais de famílias de línguas (MOTA; CARDOSO,

¹⁵ Informações retiradas de Rodríguez. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)42-53.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)42-53.html). Acesso em: 21 jun. 2008.

2005). A opção por um e outro está relacionada a fatores que vão desde os objetivos do atlas, até as condições materiais e humanas, como financiamento, tempo e equipe para a coleta, a transcrição, a cartografia e a análise dos dados.

No Brasil, somado aos atlas regionais e estaduais, que vêm sendo produzidos por todo território nacional, está se vivendo o prenúncio do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, que, fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, prioriza a variação espacial ou diatópica, atentando também para as implicações de natureza social¹⁶.

A dimensão diatópica compreende a representação espacial do fenômeno da variação linguística. O espaço geográfico não é tomado apenas como possibilidade de delimitação de isoglossas, ou de registros areais da variação, mas como aspecto revelador da história da fala presente em determinadas condições espaciais. Segundo Brandão (2005), a seleção da rede de pontos representa uma tentativa de delimitação prévia das áreas de abrangência (as isoglossas) de determinados fenômenos linguísticos e que assim possam revelar, com maior nitidez, as zonas de transição entre elas.

A diatopia coloca-se como possibilidade para um registro dos falares nas suas peculiaridades regionais ou geográficas, e a identificação do fenômeno da variação no interior dos processos dinâmicos de uso da língua em determinadas áreas geográficas.

A identificação de dialetos sociais contínuos, em que diferentes línguas e dialetos podem constituir entre os extremos, formas de transação entre si (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 08), vem apontando para a necessidade de uma análise mais detida dos aspectos condicionadores da variação. A Dialectologia Pluridimensional propõe uma

¹⁶ Apresentação do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/apresentacao.asp>. Acesso: 20 jun. 2008.

descrição dos falares considerando o atravessamento das variáveis sociais no espaço geográfico, buscando traçar uma perspectiva mais social da Dialetoлогия. Thun (2005, p. 65) destaca a possibilidade de os atlas linguísticos fornecerem hipóteses sobre as distinções sociolinguísticas nas investigações sobre a fala, e, a partir dos princípios da geografia linguística, as descrições ocorrem em espaços que ultrapassam a linearidade e arealidade na busca das relações que a bidimensionalidade pode estabelecer entre os parâmetros.

Para descrever as ondas de inovação linguística em determinada área geográfica, a Dialetoлогия passa a considerar o espaço na perspectiva estática e dinâmica. Assim, enquanto a Dialetoлогия tradicional descreve a variação considerando o espaço como um limite para a identificação de áreas de conservação e inovação – no eixo horizontal, a Dialetoлогия Pluridimensional parte do aspecto areal (topostático), para reconhecer também a variação nos ambientes de mobilidade geográfica (topodinâmico).

Dada a dinamicidade das relações sociais e a mobilidade dos falantes entre os grupos sociais e os espaços geográficos, um estudo que se propõe a descrever a variação da fala pode pautar-se nesses aspectos para identificar os elementos condicionadores, desde os que remetem a áreas mais restritas, com, por exemplo, em áreas de ‘isolamento’ nas suas comunidades, até os que representam instâncias interacionais que ultrapassam, muitas vezes, os espaços mais restritos e a instâncias menos móveis da sociedade.

Em vista do método geolinguístico tradicional, que parte de áreas definidas, de informantes masculinos, nascidos na localidade, sem escolaridade e com pouca ou nenhuma mobilidade geográfica, os estudos pluridimensionais ampliam as variáveis no sentido de abarcar as dimensões sexuais, geracionais, sociais e de mobilidade geográfica, numa relação opositiva, bidimensional.

PARÂMETROS E AS DIMENSÕES SOCIAIS COMO FILTROS PARA UMA DESCRIÇÃO DA VARIAÇÃO

Muito embora a motivação para os primeiros estudos dialetais realizados na Europa, na América e no Brasil tenha sido a delimitação dos traços linguísticos de uma língua num espaço geográfico, segundo Cardoso (2002, p. 220), mesmo os primeiros dialetólogos tiveram sensibilidade para as variáveis sociais. O que difere em cada momento, porém, é a forma de tratamento que estes aspectos vêm recebendo nos trabalhos contemporâneos.

Thun (2005, p. 63) destaca que “desde suas primeiras manifestações, a Dialetologia românica deixa entrever, por entre a variação monofásica, areal ou simplesmente ‘dialetal’, outras dimensões da diversidade”. Isto porque ao selecionar como informante um indivíduo que pouco tenha mudado de cidade, de idade madura, de inserção rural e do sexo masculino – **NORM** (**N**: normal; **O**: oral; **R**: rural (não-urbano) **M**: masculino), os primeiros dialetólogos já previam sob essas condições um ambiente favorável para se recuperar traços mais intactos das línguas e dialetos em estudo. Sexo, idade e escolaridade sempre aturam como eixos condutores ao lado da mobilidade geográfica na descrição da fala nas comunidades.

A implementação da dimensão pluridimensional por meio de parâmetros que contemplem o espaço, a classe social, o sexo, e a idade leva a Dialetologia e a Sociolinguística a estreitarem relações nos estudos da variação linguística. O conjunto de dados coletados no interior das dimensões e parâmetros implica análises que possam construir um quadro referencial da variação, cujo trajeto areal é atravessado pelos condicionadores sociais.

A dimensão diastrática inclui os parâmetros que definem a classe social dos informantes. Dentre os fatores que

caracterizam o perfil socioeconômico estão o nível de renda, a ocupação, o nível de instrução, o tipo de moradia e o bairro ou ponto de residência na localidade.

Segundo Thun (2005), a definição dos parâmetros diastráticos se dá por questões sócio-culturais, ou seja, conforme a formação escolar. O nível de escolarização pode facilitar o acesso a alguns bens que favorecem a mudança linguística, como a mídia, e, ainda, levar o indivíduo a absorver algumas características sociais em função da profissão e dos contatos que estabelece durante o período que permanece na escola.

A variável idade está relacionada ao registro da fala na dimensão diastrática, em *tempo real e aparente* (LABOV, 1994). Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 75-76), a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: "1) identidade de grupo; 2) auto-correção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso".

Nas pesquisas geolinguísticas, a opção pelo informante do sexo masculino, considerado conhecedor ativo do "mundo real", deixou a mulher numa representação desigual. Destacam-se, entre os primeiros atlas, as entrevistas experimentais realizadas com informantes do sexo feminino, as quais possibilitaram a análise da fala entre os sexos, e a identificação do comportamento mais arcaizante e conservador das mulheres.

O gênero foi incorporado ao conjunto de variáveis sociais para a seleção dos informantes mulheres quando as pesquisas geolinguísticas se voltaram para a descrição da fala em centros maiores. Trata-se do momento em que, ao descrever os *patois* de uma língua, a Dialetoлогия se deparou com as formas oscilantes da fala, com a face dinâmica e complexa dos fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de traçar um recorte teórico das pesquisas que visam descrever os fenômenos da variação linguística, destacamos aqui alguns aspectos que julgamos relevantes para uma apresentação inicial sobre as investigações desenvolvidas sobre a fala. Destacamos que o rigor metodológico tem levado estudiosos da área a se voltarem de maneira mais detida sobre o conjunto de variáveis sociais, na tentativa de identificar e registrar a dinamicidade e complexidade o polimorfismo social, linguístico e cultural dos grupos investigados.

Se, de um lado, a língua figura como elemento determinado por um conjunto de relações internas e reguladoras de certa estabilidade, de outro, sua face social, histórica e cultural orienta o aparecimento de formas resultantes da complexa dinamicidade das dimensões sociais. Trata-se, então, de identificar as condições em que ocorrem as mudanças, quais são favoráveis e quais inibem o surgimento, a adoção, a implementação e a difusão de uma inovação. As investigações sobre a variação linguística podem encontrar nos condicionadores internos e externos da língua uma explicação para o funcionamento do sistema, sem, com isso, cair num reducionismo descritivista.

As discussões teóricas apontam uma necessária dupla articulação dos determinantes da “heterogeneidade ordenada” da língua. As pesquisas sobre variação, amparadas em princípios da Sociologia da Linguagem, podem determinar o ponto de encontro entre as variáveis linguísticas e sociais.

A sociedade contemporânea trouxe muitos desafios às pesquisas sobre os fenômenos da fala, pois, além de incorporar as variáveis sociais, busca descrever a variação num *continuum* de usos, rastreando as pistas da história, dos grupos e dos comportamentos sociais que levam formas a sobreviverem nos espaço e no tempo, outras desaparecem ou ressurgirem.

As pesquisas que unem os princípios metodológicos da Sociolinguística aos da Geolinguística podem oferecer pistas para a identificação dos caminhos pelos quais as inovações linguísticas se encaixam no interior dos contextos internos e externos da língua. O reconhecimento das dimensões que favorecem e/ou inibem a adoção e a difusão das novas formas ou a manutenção e preservação de formas já existentes revela também o papel de cada dimensão, que, no caso da variação, é particularizado pelos elementos da história e da cultura de cada grupo.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Linguístico do Paraná II*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

BUSSE, Sanimar. *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

ALVAR, Manuel (Dir). *Manual de dialectología hispánica. El español de España*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 2005.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *O período pré-geolinguístico: do Visconde da Pedra Branca ao primeiro Atlas regional*. IV Congresso Internacional da ABRALIN. Universidade de Brasília; Brasília, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?*

Revista do GELNE. Vol. 4. Nº 1/2, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e Historia. El problema Del Cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1988.

FASOLD, Ralph W. *The sociolinguistics of language*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

_____. *Principios del Cambio Lingüístico. Volumen I: Factores Internos*. Madrid: Gredos, 1994.

LOPEZ-MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros*. IV Congresso Internacional da ABRALIN. Universidade de Brasília; Brasília, 2005.

MOUTON, Pilar Garcia. El Atlas Lingüístico Y Etnográfico de Andalucía. Hombres y Mujeres. Campo Y Ciudad. In: NAZIOARTEKO DIALEKTOLOGIA BILTZARRA. AGIRIAK, 7, 1992. *Actas del Congreso Internacional de Dialectologia*. p. 667-685. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/13687/1/garcia_mouton_pilar_1992b.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

RONA, José Pedro. *The social dimension of dialectology*. International Journal of the Sociology of Language, n. 9, p. 7-22, 1976.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: Teoría y Análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an Introduction to Language and Society*. Penguin Books: Londres, 1974.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In. ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. (1968). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Penguin Books: Canadá, 1974.